

Avelar Rodrigues (*)

A presença de Esmeraldas na Revolução Liberal de 1842 ()**

(*) Historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

(**) Palestra realizada em 12/5/1993, no Clube Itaporã, integrando o projeto "A Presença de Minas na Revolução de 1842", ciclo de palestras em Esmeraldas, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Esmeraldas e do IHGMG, com apoio da E.E. Santa Quitéria.

ABSTRACT

The author makes the participation of the population of Emeralds (Ancient Santa Quitéria) stand out in the revolutionary movement of Minas in 1842. He focuses mainly the performance of Mrs. Ana Felipa de Santiago who should be fairly considered as one of the heroines of this revolution. He tells in details the incredible story of Colonel Antonio Nunes Galvão, a revolutionary leader, who came to die in secrecy, was buried as slave "Father Pedro" and the homage paid to him afterwards.

RESUMO

O autor destaca a participação da população de Esmeraldas (Antiga Santa Quitéria) no movimento revolucionário mineiro de 1842. Focaliza principalmente a atuação de D. Ana Felipa de Santiago que, com justiça, deve ser considerada uma das heroínas dessa revolução. Conta com detalhes a incrível história do Cel. Antonio Nunes Galvão, líder revolucionário que veio a falecer na clandestinidade, foi sepultado como escravo "Pai Pedro" e teve prestadas homenagens.

O abrir de cortinas para os cenários que compõem a História de Minas Gerais nos mostra, desde sempre, uma grande diversidade de fatos e pessoas a construírem a memória valorosa do Estado, marcada a todo instante por idéias de liberdade e amadurecida participação.

Nas efemérides dos municípios mineiros, espalhados por estas montanhas, freqüentemente se buscam os elementos componentes desse acervo glorioso que são a história e a cultura das Minas Gerais. É o caso da Ouro Preto dos Inconfidentes, da Sabará e Pitangui de mil jazidas, da Diamantina de JK e Chica da Silva, da Congonhas do Aleijadinho e Cordisburgo de João Guimarães Rosa, da Esmeraldas do VISCONDE DE CAETÉ, patriarca mineiro da Independência e de D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, proprietária da FAZENDA DA SERRA NEGRA, ao sul do município, heroína de 1842, destinatária de honrosas referências nos episódios da conflagração.

Matrona respeitável e influente, revelaria D. ANA FELIPA DE SANTIAGO que sabia superintender na sua casa-grande da FAZENDA DA SERRA NEGRA os trabalhos domésticos, como também sabia haver-se com obstinação e coragem no envolvimento incerto, traiçoeiro e perigoso, que é próprio de toda operação político-militar.

Vivia-se no país um período agitado em que as divergências político-partidárias do Segundo Reinado chegariam à exacerbação. No fundo, estava a ideologia liberal e o temor, alimentado por seus adeptos, de vir a cair o país no autoritarismo imanente na conduta do Partido Conservador. Contra isso, lançava o Partido Liberal seu grito de alerta, conforme interpreta o historiador Prof. Bonifácio José Tamm de Andrada, ao estudar esse tema sob o aspecto psico-social.

Mulher de sólida formação moral, era liberalista D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, viúva de Miguel José da Silva Fernandes, falecido em 1841. Em se conhecendo sua filosofia de vida e marcante personalidade, passa-se a compreender não haver sido sem razão que continuasse em sua descendência o espírito cívico e a robustez de seu ideário. Afinal, assim ela os soube moldar no cadinho precioso de seu exemplo de mulher altaneira, sem sombra de dúvida.

Era uma família poderosa em riqueza material e em prestígio na vida pública e política do país, com parentes e filhos todos muito ilustres. Destes, o mais velho, Desembargador QUINTILIANO JOSÉ DA SILVA, foi magistrado por mais de quarenta anos, deputado em diversas legislaturas, Chefe do Partido Liberal, Conselheiro de Estado, Vice-Presidente e, depois, Presidente da Província de Minas Gerais, como anteriormente havia sido o VISCONDE DE CAETÉ, também nascido em Esmeraldas, quando ainda pertencia a Sabará, com o antigo nome de Vila de Santa Quitéria.

Outro filho de D. Ana Felipa, Dr. JOSÉ JORGE DA SILVA, enérgico e destemido, de temperamento ativo, foi também um liberal convicto, figura proeminente na vida pública e política, deputado em cinco legislaturas, Juiz de Direito e revolucionário de linha de frente no movimento sedicioso de 1842, assim como um terceiro irmão, José Francisco Serra-Negra.

Desde que D. Pedro I abdicara o trono e retornara a Portugal em 1831, deixara como sucessor o filho, Pedro de Alcântara, com apenas 5 anos de idade, tutelado por José Bonifácio. Exercia-se o governo pelas Regências e iniciava-se no país um período de 10 anos de grandes agitações.

Visando colocar termo a elas, propôs o Partido Liberal que se declarasse a maioria do Príncipe antes do tempo, tendo ocorrido que, de fato, aos quinze anos incompletos, elevou-se ao trono Sua Majestade Imperial, o Sr. D. Pedro II, em 1840.

Era Liberal o primeiro ministério. Durou pouco tempo e vieram os Conservadores. Realizaram várias reformas para garantir a ordem e acabar com as agitações do período regencial, incluindo o restabelecimento do Conselho de Estado e reforma judiciária.

Dessas reformas dissentiram os Liberais, declarando-as arbitrarias e absolutistas; ainda mais, foram conduzidas por um gabinete reacionário, ocorrendo que, realizando-se as eleições parlamentares, saíram eleitos os Liberais. Logo os ministros denunciaram o exercício de violências e fraudes nas eleições, declarando espúria e ilegítima a câmara eleita, sem força moral. Resultado: foi ela dissolvida pelo Imperador, que ordena a realização de novas eleições, o que já não foi possível acontecer: estourava a Revolução Liberal de 1842, quando era Presidente da Província de Minas Gerais Bernardo Jacinto da Veiga.

Pretextando repúdio à reforma judiciária e ao restabelecimento do Conselho de Estado, cuja execução deviam impedir,

insurgiram-se os Liberais, promoveram grande campanha pela imprensa, agitaram a opinião nos clubes, dirigiam representação ao Imperador, tudo sem resultado. Outro não seria o novo recurso: as armas. A Vila de SANTA QUITÉRIA, hoje Esmeraldas, viria a se sobressair com notável destaque no episódio, quando Minas conheceria a maior agitação político-militar de sua história.

Afrontando as armadilhas, riscos e conseqüências próprias da luta armada, daria D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, nessa ocasião, mostras de bravura incomum e de uma envergadura moral incrível, havendo, por isso, merecido franco e expresso reconhecimento do Cônego José Antônio Marinho, chefe revolucionário e historiador do conflito no célebre livro a que intitulou *História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais*.

Em nível tático, combinamos chefes que a revolução rompesse ao mesmo tempo em São Paulo e Minas. Devido à dificuldade de comunicação, São Paulo se antecipou, esboçando-se um levante em Sorocaba, a 17 de maio, sabendo-se que as ações ali não chegaram a ganhar grande desenvoltura.

Bastante diferente seria o desenrolar dos acontecimentos em Minas, onde o fogo foi cerrado e as lutas trabalhosas.

Tramou-se a revolução numa chácara das vizinhanças de Barbacena, sendo aquela cidade despertada na madrugada de 10 de junho pelos clarins e sinos das igrejas, postando-se um batalhão da Guarda Nacional defronte à Câmara Municipal. Foi proclamado e empossado o Presidente Revolucionário da Província, José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, futuro Barão de Cocais, assessorado na chefia do movimento, entre outros, pelo Cônego José Antônio Marinho, Dr. JOSÉ JORGE DA SILVA, filho de D. ANA FELIPA, Dr. Manoel de melo Franco, José Pedro Dias de Carvalho, Teófilo Benedito Otoni, de todos o mais engajado, sendo comandante das tropas o Cel. ANTÔNIO NUNES GALVÃO, que acabaria mais tarde intimamente ligado à história de Esmeraldas.

Eclodido o movimento, seguiu-se-lhe a adesão entusiástica de numerosos municípios, Pomba, Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete), Bonfim, Aiuruoca, Lavras, Baependi. Propagar-se-ia, mais, por Santa Bárbara, São João del Rei, (hoje Tiradentes), Oliveira, Sabará, Curvelo, Araxá, Paracatu, quatorze comunas ao todo, conseguindo os insurgentes dominar grande parte da Província, quando não por solidariedade espontânea dos municípios, pelo

domínio pelas armas, com grandes prejuízos e sacrifício de vidas nas batalhas, algumas memoráveis.

Sob a superintendência de D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, liberal convicta, transformou-se a FAZENDA DA SERRA NEGRA em autêntico Quartel General dos rebeldes em SANTA QUITÉRIA, como central de informações e intermediação, núcleo de atuação estratégica no fornecimento de víveres, armas, munições, roupas e calçados, material de campanha.

Era cunhado de D. ANA FELIPA o Cel. MANOEL FERREIRA DA SILVA, proprietário da Fazenda da Cachoeira e um dos mais ricos fazendeiros da região, também liberal e que havia sido afastado do comando da Guarda Nacional pelo ex-Presidente Jacinto da Veiga, do Partido Conservador. Uniu-se ele a D. Ana Felipa e ao irmão Pe. FRANCISCO DE PAULA MOREIRA, proprietário da Fazenda do Patrimônio. Chamaram o Maj. João Nogueira e outros numerosos parentes e amigos dele, da Freguesia do Morro do Mateus-Leme e organizaram uma caixa militar. O próprio Cel. MANOEL FERREIRA DA SILVA reuniu o Batalhão da Guarda Nacional, pôs-se ao comando das tropas e proclamou em SANTA QUITÉRIA o reconhecimento da autoridade insurgente. Mas não parou aí, na simples manifestação de adesão ao movimento e estacionado em guarda no lugar de residência, como às vezes acontecia.

Escreve o Cônego Antônio Marinho que, pelo contrário, o Cel. MANOEL FERREIRA DA SILVA "pôs-se em marcha com as companhias do Patafufo (hoje Pará de Minas) e Santana (do Paraopeba), ambas do município de Pitangui, que se lhe haviam agregado. (...) Levando uma grande tropa sua, carregada de munições de boca e de guerra, tomou o caminho do Sabará disposto a seguir por toda a parte, onde úteis ou precisos pudessem ser os seus serviços".

Convém fazer-se aqui breve reflexão sobre uma particularidade importante, que se refere à convicção daquelas pessoas pela causa abraçada, ao desprendimento com que se levantavam em defesa de uma ideologia. Era o que ocorria com D. ANA FELIPA e com o Cel. MANOEL FERREIRA, que deixava para trás uma fazenda de cultura, outra de criação, a família e a administração de negócios que não eram poucos, para se empenhar nos riscos de uma revolução, sacrificar-se em tarefa de tal drasticidade como aquela, ao comando de mais de mil e trezentos, segundo o historiador Geraldo Fonseca.

Referindo-se o Cônego Marinho às excepcionais condições de

resistência com que contavam os Conservadores em Sabará, prodigaliza enaltecimentos ao desempenho do BATALHÃO DE SANTA QUITÉRIA naquela circunstância, ao registrar: "Dos municípios ao norte da Província, era o de Sabará em que o Governo contava acharia maior força (...) Tinha-se porém pronunciado energicamente em apoio do movimento o importante arraial de Santa Luzia, mas os insurgentes dali (...) temiam, com razão, que os Legalistas de Sabará os viessem atacar. Desse receio os livrou o batalhão de SANTA QUITÉRIA (...) Era edificativo o ver numerosos e luzidios batalhões, como o de SANTA QUITÉRIA, compostos quase exclusivamente de homens empregados na lavoura, apresentarem-se inteiros à voz de marcha, embora os oficiais que os conduziam houvessem sido demitidos pelo Presidente Veiga. Chegada a Sabará a notícia de que MANOEL FERREIRA se movia sobre a cidade, o terror gelou os oligarcas, que desde logo se prepararam, não para o combate, e sim para a fuga. (...) A Câmara Municipal (de Sabará) reconheceu solenemente a autoridade do Presidente insurgente e encarregou MANOEL FERREIRA não só do comando da coluna, como também de toda a Guarda nacional do município. Estava pois a cidade do Sabará em poder dos insurgentes".

Tomou grande vulto o movimento revolucionário, narrado com paixão pelo Cônego Marinho, mas também analisado com isenção e autoridade por pesquisadores atentos à realidade objetiva dos acontecimentos. Operava na estrada de Paraibuna uma coluna de quatrocentos homens, outra de seiscentos em Pomba, quatrocentos praças em Baependi, ocupando ainda ótimas posições para mais de mil homens desde Aiuruoca até Santa Bárbara. Enquanto de Lavras marchara uma coluna de mais de quinhentos homens sobre Tamanduá, com outros tantos contava a comunidade de Cláudio. Atuava em Dores uma formidável coluna, além daquela postada na Fazenda de São Mateus, em Araxá. Curvelo acionava uma coluna de mais de quatrocentos praças, agindo em Santa Bárbara acima de mil e duzentos, não contados os trezentos de Sabará, quinhentos no Serro, mais de quinhentos em São João del Rei, como em Barbacena, concentrando-se afinal em Queluz a portentosa Coluna Galvão, que fazia frente a todas as forças da Capital de Ouro Preto. As lutas e escaramuças repetiam-se por grande parte da Província, levando ao Imperador as mais sérias apreensões.

Tamanduá, hoje Itapeçerica, era um dos municípios que gemiam debaixo da maior opressão dos Conservadores. Para se reverter a situação, tiveram que ser reunidas as forças de Lavras e Oliveira, em

número de cerca de seiscentos homens ao comando do quitariense Dr. JOSÉ JORGE DA SILVA, filho de D. Ana Felipa, enérgico e eficaz na sustentação do movimento em Lavras, empenhado agora na libertação do núcleo de Tamanduá.

A fim de sufocar em Minas a rebelião, tomara o Governo Imperial medidas enérgicas; foi-se fazendo a resistência, tendo sido destacado para o comando das operações o irmão de Caxias, Cel. José Joaquim de Lima e Silva, a quem viria posteriormente juntar-se o próprio Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, jovem e excepcional chefe militar, que se especializara em combater revoluções com êxito e cujo prestígio já se fizera respeitado.

Os Legalistas (ou Conservadores) iam logrando a retomada da situação pela região sul da Província, tendo-se procurado fazer com que o Dr. JOSÉ JORGE DA SILVA depusesse armas à guarnição de Lavras e se apresentasse, com seus companheiros e comandados, sob a autoridade legalista. Resistiu ele, com todos os amigos, fiéis ao compromisso com a causa abraçada, não aceitando abandonar os correligionários, porquanto muitos estavam ainda empenhados na luta.

O Cônego Marinho estava presente naquela hora e escreveu: "Quando cheguei a Lavras, haviam-me ali precedido todas as tristes notícias e achei os influentes a deliberarem sobre o que convinha fazer-se. Falava-se em protestos, que principiavam a ser da moda, mas o honrado Dr. JOSÉ JORGE declarou com toda a firmeza que não protestava, e acrescentou estas palavras, que no mesmo instante copiem em minha carteira: – "Enquanto houver um só homem com arma contra o Ministério de Março e sua horrível política, eu serei o segundo" – ao que acudiu prontamente o Maj. Antônio José Teixeira: – "E eu o terceiro". Levantaram-se então todos decididos a não abandonarem seus amigos que ainda estavam em armas e a segui-los até o extremo". Este é o testemunho do Cônego Marinho.

Saindo de Lavras os chefes revolucionários, supunham eles encontrar em Sabará as forças comandadas por MANOEL FERREIRA DA SILVA, a fim de o fazerem marchar sobre a Capital pelo lado da Bocaina. Chegados porém à FAZENDA DA SERRA NEGRA, tiveram de D. ANA FELIPA DE SANTIAGO a informação de que a comuna marchara para Santa Bárbara e que Sabará havia outra vez caído em poder dos Legalistas (conservadores), retirando-se para Santa Luzia o destacamento ali deixado por MANOEL FERREIRA.

O Presidente Revolucionário José Feliciano Pinto Coelho da

Cunha não se revelaria um chefe à altura das proporções assumidas pelo movimento. Inundou a Província de manifestos e cartas, surpreendido pelos duelos rudes das armas, mostrando-se um líder indeciso ante uma revolução que envolvia lances épicos.

No risco de ver em declínio a coragem dos insurgentes com a restauração da legalidade em quase toda a zona sul, resolvem os revolucionários congregar todas as suas forças e marchar sobre Ouro Preto. Tiveram primeiramente de defender Queluz, atacada pelos Legalistas e foi retumbante a vitória dos insurgentes, abrindo-se o caminho de Ouro Preto, sobre a qual José Feliciano titubeia no arremesso das tropas.

Dirigiram-se os insurgentes no rumo de Sabará, a fim de a tomarem de assalto e retomá-la dos Legalistas antes que se juntassem às tropas de Caxias, o que foi conseguido com luta desesperada, ali ficando os insurgentes refazendo seus preparativos, partindo em seguida para Santa Luzia.

Embora durasse pouco mais de dois meses, foi muito sangrenta a Revolução, envolvendo combates ferrenhos por toda parte e demorados tiroteios, fugas e escaramuças, como se viu, sendo difícil imaginar que ainda piores pudessem ser, como realmente foram, nos acontecimentos que viriam a se registrar em Santa Luzia.

Após sufocada a rebelião em São Paulo e marchando sobre Minas, também para Santa Luzia dirigiram-se Caxias, já famoso cabo de guerra, e as tropas Legalistas, com cerca de dois mil e quinhentos homens, artilharia de quatro canhões e muito bom armamento.

Escreveu o historiador Rocha Pombo que "a luta ali foi tremenda e só à estratégia do general em chefe deveram os Legalistas a vitória". Referia-se ao fato de que, nas marchas e contramarchas de um lado e de outro, naquela refrega horrorosa, a certa altura dos combates, as tropas Legalistas não suportaram a pressão que lhes impunham os insurgentes. Começou Caxias a recuar e não mais se compôs, debaixo do fogo intensíssimo que recebia. E ia ele nessa retirada havia mais de uma hora, perdendo bagagens e artilharia, perseguido sempre pelos insurgentes, que abandonaram as posições privilegiadas de que antes dispunham e se espalharam em campo aberto, na perseguição dos Legalistas.

Foi nessa hora que irrompeu inesperadamente, pela retaguarda dos revolucionários, forte exército Legalista sob comando do irmão de Caxias, José Joaquim, vendo-se os insurgentes surpreendidos assim entre dois fogos, desorganizando-se todo o contingente

rebelde, destruído ali por José Joaquim e recuando para dentro do arraial de Santa Luzia, onde ainda tentam resistir. Mas já era tarde e a vitória dos Legalistas foi consolidada.

A tese é que aquela fuga teria sido apenas simulada por Caxias, a fim de atrair os insurgentes em sua perseguição, numa estratégia para desalojá-los das excelentes posições que ocupavam e fazê-los perder a ordem em campo aberto, cercado pelos Legalistas.

Não é uma explicação pacífica. O ilustre historiador Waldemar de Almeida Barbosa, por exemplo, entende que a vitória de Caxias não se deveu a nenhuma estratégia, mas a um puríssimo golpe de sorte do General, com a junção de vários fatores negativos para os rebeldes naquele dia. Porque nenhuma estratégia inclui uma retirada como a de Caxias, em que se deixa para trás, à mercê do inimigo, os companheiros feridos, abandonando os canhões, armas, bagagens, munição de guerra e de boca, no salve-se-quem-puder que em verdade caracterizava a fuga dos legalistas em debandada, coincidindo com o repentino aparecimento das tropas de seu irmão lá pelo outro lado, salvando-os, por sorte, da derrota.

Desde o início, durante todo o conflito e até a última resistência dos insurgentes em seu recuo para dentro de Santa Luzia, foi excepcional o desempenho e bravura do BATALHÃO DE SANTA QUITÉRIA, mencionado o tempo todo nos anais do movimento armado.

Derrotados os insurgentes e reconhecida a legalidade, foram-se submetendo os grupos dispersos à autoridade imperial representada em diversas localidades, havendo-se apresentado o BATALHÃO DE SANTA QUITÉRIA ao Maj. Mariano, destacado no arraial, conforme registro do Cônego Marinho.

Terminadas as lutas, começaria a tragédia de processos e perseguições em penca, abrindo-se por toda a Província as cadeias para os Liberais. Efetivamente, seguiram-se severas buscas, prisões, seqüestros e extorsões, processos, julgamentos, justiças e injustiças.

Velho, doente e prostrado, o Comandante Revolucionário, Cel. ANTÔNIO NUNES GALVÃO, não suportaria a dureza de tratamento que se esperava para os vencidos e perseguidos. Logo após sua apresentação ao sub-delegado de Matosinhos, recolheu-se clandestinamente aos cuidados e proteção de D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, na FAZENDA DA SERRA NEGRA, onde permaneceu oculto.

Se para os bravos combatentes terminara a luta pelas armas, nela prosseguia D. ANA FELIPA, mantendo resistência aos propósitos dos vencedores, protegendo com astúcias e destemores o ilustre vencido, arriscando-se perigosamente, não obstante a prosápia da vitória, o susto da derrota e a inquietação de todos quantos participassem das idéias liberais. Recolhendo com todas as honras o Cel. GALVÃO, guarda-o sob seus próprios cuidados pessoais, protegendo-o por todos os modos.

O Presidente da Província, Bernardo Jacinto da Veiga, não poupava diligências para a captura dos insurgentes desaparecidos, mesmo não desconhecendo a vida que levavam eles, embrenhados pelos matos e por esconderijos, como o que proporcionava D. ANA FELIPA ao velho e ilustre GALVÃO. Permanecia a FAZENDA DA SERRA NEGRA sob constante vigilância e era várias vezes vasculhada na expectativa de uma captura importante, dado conhecer-se a influência de seus moradores. Todavia, em sua sagacidade e inteligência, sabia D. ANA FELIPA defender os que se amparavam à sua proteção. GALVÃO, quando não era transportado para as matas pelos arredores, via-se de repente transformado em escravo e como tal participando do movimento das senzalas, metamorfoseando-se o velho soldado, de acordo com as circunstâncias.

Por isso é que o Cônego Marinho escreve, a certa altura de sua exposição: – “Quero aqui consignar os nomes de duas respeitáveis senhoras, que nesta ocasião tantos sacrifícios fizeram para salvarem os perseguidos: foram elas a Sra. D. ANA FELIPA, mãe dos Drs. QUINTILIANO, JOSÉ JORGE e SERRA NEGRA; e a Sra. D. Catharina, moradora no Morro-de-Matheus-Leme, que, sendo uma senhora sexagenária, ia ela mesma, algumas vezes, levar mantimentos no centro dos matos aos foragidos”.

Daí a pouco, alquebrado sob o peso dos padecimentos, falece na FAZENDA DA SERRA NEGRA o Cel. ANTÔNIO NUNES GALVÃO. Não ocorrera a anistia aos revoltosos e não podia ser divulgado seu falecimento sem a revelação de tudo. Seria sacrificar a fidalguia de D. ANA FELIPA, o seu próprio destino, por haver aberto a sua generosidade para proteção do valoroso militar. Não pouparia o Presidente Veiga essa aventura, embora de uma mulher notável pela fortuna, pelas tradições e condições sociais, para arrastá-la às trapaças infundáveis de um processo e à vergonha da prisão, a que prodigiosamente já escapara. Por outro lado, tinha-se em

consideração a necessidade de se defender o cadáver e memória do respeitável militar que fora o Cel. ANTÔNIO NUNES GALVÃO.

Transportado o corpo numa paiola, fez então D. ANA FELIPA com que se lhe ocultasse a identidade. Envolto o cadáver de GALVÃO em um simples lençol, como se fazia no sepultamento de qualquer escravo e com o nome suposto de Pai Pedro, foi ele clandestinamente enterrado no adro da velha igreja Matriz de Santa Quitéria, ao pé da torre esquerda, onde se sepultavam os escravos e pagãos e a quem se negava sepultura dentro da igreja, como se usava na época.

Permaneceria o Partido Conservador na condução do governo imperial até 2 de fevereiro de 1844, quando subiu novamente ao poder o Partido Liberal, diligenciando-se imediatamente a concessão de anistia aos sediciosos. Diria futuramente Carlos Honório Benedito Otoni que a revolução é um direito quando se impõe como reivindicação de direitos, resistência legal que a lei justifica. Os grandes nomes e altas personalidades envolvidas no conflito valem afirmações da pureza dos ideais do movimento, pelo que a revolução não foi um crime e nela não se haveria de procurar culpados.

A 14 de março, editou-se o Decreto Imperial nº 342: "Ficam anistiados todos os crimes políticos cometidos no ano de 1842 nas Províncias de São Paulo e Minas Gerais e em perpétuo silêncio os processos que, por motivo deles, se tenham instaurado".

Promoveria então o Partido Liberal em Santa Quitéria (Esmeraldas) aparatoso e soleníssimo ato público, como nunca visto pela Vila, celebrando-se condignamente o sepultamento do Cel. ANTÔNIO NUNES GALVÃO, pela forma legal e nas condições próprias de seu merecimento. Foi a 5 de agosto de 1844 a exumação do cadáver, com pompa e civismo, trasladado para o interior da igreja Matriz de Santa Quitéria. Concorreu ao ato toda a população da vila e circunvizinhanças, como de localidades próximas e distantes. Havia sessenta e quatro sacerdotes, acolitados por doze sacristãos, altas patentes e autoridades provinciais, repique de sinos ao som da banda de música de Santa Luzia. As forças do governo, sob comando do Maj. Mariano, então aquarteladas em Santa Quitéria, prestaram à memória de GALVÃO honras pertinentes ao posto de coronel, que era. Foi proferido sermão apologético do militar pelo famoso orador sacro e jurisconsulto Pe. Dr. José Marciano Gomes Batista, liberal destemido e vigário de Curvelo, onde sofrera igualmente a dureza dos revezes pós-revolucionários.

À frente da excepcional solenidade estava D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, autêntica heroína que refulge em exemplos para a posteridade, a cuja formação e influência deveram-se grandes cometimentos, não apenas pessoais, como de filhos, parentes e pessoas agregadas, como vimos.

A vida de operosidade e energia dessa mulher invulgar não alvoreceu no ano da Revolução. Sua visão do futuro abriu-lhe diretivas magníficas ainda cedo, quando vivia com o marido, Miguel José da Silva Fernandes, adiantado agricultor, de vastas iniciativas, espírito proficiente e vigoroso, fazendo com a esposa um casal excepcional para aquela época.

Assim se deu a presença de Esmeraldas na Revolução Liberal de 1842. Uma presença gloriosa, na dimensão da honorabilidade da existência que teve D. ANA FELIPA DE SANTIAGO, grandiosa figura feminina aqui trazida para o nosso convívio espiritual, depositária do nosso respeito e de uma admiração invejável.

Artigos

“Quando a Pátria periga, é dever de todo cidadão correr em sua defesa; e quando a liberdade é calcada aos pés por um governo ambicioso, empunhar as armas para defendê-la e sustentá-la é a primeira obrigação de todo homem livre”.

Manifesto aos mineiros de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, Presidente interino da Província de Minas Gerais).

“Nossa imprensa nasceu no calor e no ideal da Revolução Liberal”

(João Dias de Souza Filho)